

## LEITURAS-PUNCTUM ATELIÊ DE EXPERIMENTAÇÕES NA PEDAGOGIA/PARFOR/UCS

Maria Itelvina de Oliveira Prateado Costa <sup>1</sup>

### RESUMO

A pesquisa está vinculada à linha de pesquisa História, Filosofia e Educação, agregada ao grupo de pesquisa Pedagogia Crítica, Clínica e da Diferença. Seu método é a cartografia e seu objetivo é cartografar os (com)possíveis de experimentações do Ateliê de leituras-*punctum* com as acadêmicas do curso de licenciatura em Pedagogia do Parfor/UCS/Caxias do Sul - RS/2023. Para responder à pergunta como cartografar os (com)possíveis de experimentações do Ateliê de leituras-*punctum* com as acadêmicas do curso de licenciatura em Pedagogia do Parfor/UCS/Caxias do Sul-RS/2023?, realiza três movimentos de investigação. O primeiro, *Da Casateliê à PesquisAteliê - um desacontecimento de pesquisa*, junto com a escritora Brum (2017), trata do percurso e do envolvimento da pesquisadora com o tema e problema da pesquisa. O segundo movimento, *Sobre o método da PesquisAteliê*, aproxima de Costa (2014; 2020) para mostrar o funcionamento da cartografia, as três participantes da pesquisa e o Programa Nacional de Formação de Professores que elas estão vinculadas, o Parfor/UCS. Com Matos, Schuler e Corazza (2015; 2021), demarca Ateliê e o seu modo de fazer na pesquisa. E, com Lapoujade (2017), mapeia o conceito de experiência. Em seu terceiro movimento, *(Com)possíveis do Ateliê como experiência de leituras-punctum*, a partir do *punctum*, do escritor francês Barthes (1984), cria o conceito de leituras-*punctum*. Ao mapear o funcionamento deste conceito pela experimentação no Ateliê de leituras-*punctum* com as participantes do Parfor, mostra que os (com)possíveis de experimentações que atravessam as três participantes da pesquisa estão ligados à liberação de vida por meio da experiência de ler no minúsculo e à criação de uma leitura ética e de afeto; que fazem resistência e tensionam as estruturas dominantes presentes nos discursos e evocam a formação de professores-pesquisadores.

**Palavras-chave:** Ateliê, Formação de professor, Pedagogia/Parfor, Experiência, Leitura-*punctum*.

### INTRODUÇÃO

As experiências com Ateliê, docência e gestão escolar, que constituem a *Casateliê*, arrastam-me a pensar a respeito da força de experimentar um processo de formação e de atuação docente não esquemático, que favorece a experiência e a autoria, que valoriza os saberes-poderes circulantes e provoca a movimentação o pensamento, fomentando os

<sup>1</sup> Mestranda em Educação pela Universidade de Caxias do Sul - RS - Bolsista CNPq. miopcosta@ucs.br.





diferentes modos de ser professora, dando espaço ao plural e ao inédito que provoca a dúvida, o questionamento e a experimentação, pois é “[...] preciso desfazer a trama desses hábitos sólidos para introduzir nela novas conexões, costurar novas peças que vão estendê-la e que trazem novas ramificações.” (Lapoujade, 2017, p. 62). O Ateliê declara-se como uma das “novas peças”, pois é um espaço-tempo de resistência aos modos institucionalizados do fazer docente e de construção de formas possíveis de uma docência poética, próxima à artistagem, de modo criativo, inventivo e estético e ético. (Corazza, 2002).

Esta *PesquisAteliê*<sup>2</sup>, que é assim chamada por derivar da *Casateliê* e ser um espaço de experimentação, faz aliança com os (com)possíveis da experiência de leitura literária com as acadêmicas participantes do Parfor/UCS. Abarca e se produz pela experiência cartográfica. experiência que passa pelo ato de resistência e transgressão à institucionalização da leitura, rechaçando qualquer movimento de didatização e de controle do uso da linguagem. Deste modo, ela faz escapar, vazar do binarismo as possibilidades, a experimentação, a vida por meio da leitura literária. Diferente de criar caminhos, modelos, soluções, faz conexões, rizomas<sup>3</sup> com os indivíduos, com as possibilidades, com novas formas de ser e de experimentar a vida. Abertura ao inédito. Contrafluxo das macro urgências da sociedade de controle<sup>4</sup>. Oferece suspiros, desvios, resistências ao sistema de produção e reprodução das forças dominantes. Leitura e arte se misturam, convite à ludicidade e ao jogo (Huizinga, 2010), ao novo, ao não previsto, à experimentação de leituras-*punctum*. Neste espaço-tempo, há possibilidades de manipulação de matéria de vida, de encontros por uma formação que investe num certo nomadismo!<sup>5</sup>

Como pesquisadora, também faço parte da *PesquisAteliê* e faço dela o meu Ateliê, entro em experimentação, crio relação, esgrimo com os signos, busco ludibriar a língua em

<sup>2</sup> Este artigo deriva da pesquisa de Mestrado em Educação do PPGEdU/UCS, aprovada pelo Comitê de Ética CAAE: 88283325.3.0000.5341.

<sup>3</sup> A forma do rizoma é indefinida e implica multiplicidade, sendo a nova imagem do pensamento. O conceito de rizoma vem da botânica. Rizoma é caule subterrâneo de algumas espécies de plantas, como grama. Ele tem um crescimento indefinido, espalhando-se em conexões, não apresentando ordem, apenas se espalhando e fazendo brotar de qualquer ponto, diferente da raiz. Deleuze usa o rizoma para ilustrar as conexões subterrâneas que podem fazer a imagem do pensamento (Ferreira, 2020).

<sup>4</sup> Deleuze defende que vivemos atualmente na sociedade de controle, em que o homem não vive mais confinado, separado da sociedade. O capital percebe a importância do homem e o insere na sociedade, para aprisioná-lo por meio da dívida. Portanto, na sociedade moderna temos o homem endividado e não mais confinado (Ferreira, 2020).

<sup>5</sup> Refere-se ao conjunto de saberes, conhecimentos, práticas, culturas, vivências, discursos que circulam, interligam-se e sustentam as práticas pedagógicas.





seu âmago, crio matéria e componifico meus pensamentos. Deste modo, apresento o método da pesquisa, em que pesquisa, tema, pesquisadora e acadêmicas são conduzidos para o

Ateliê, que se mistura com o sistema radicular<sup>6</sup> da formação de professoras na universidade. As forças e os movimentos produzidos durante a pesquisa são objetos de cartografia, método escolhido para responder ao problema: como cartografar os (com)possíveis de experimentações do Ateliê de leituras-*punctum* com as acadêmicas do curso de licenciatura em Pedagogia do Parfor/UCS/Caxias do Sul - RS/2023? A *PesquisAteliê* arrasta consigo a montagem, a experimentação e a cartografia do Ateliê de leituras-*punctum*, a partir da leitura do livro: *Meus desacontecimentos – a história da minha vida com as palavras*, da escritora Eliane Brum, junto a um grupo de acadêmicas de Pedagogia/Parfor/UCS.

## METODOLOGIA

O conceito de cartografia trabalhado tem sua força em Costa (2014, 2020), pois é um método vivo, pulsante e está ligado à experiência que a pesquisadora vive durante todo o processo de sua pesquisa. O método cartográfico funciona como provocador de novas relações e de ampliação do repertório de experiências, que aumentam a capacidade de pensar e agir no mundo.

Por entender-me parte da geografia que pesquiso e por reconhecer o método cartográfico como uma micropolítica ativa, assumo a cartografia nesta *PesquisAteliê*<sup>7</sup>, que: (1) ganha corpo no vigor dos encontros gerados e nas dobras produzidas durante o ateliê de leituras-*punctum*; (2) tem como política ler, em voz alta, junto com as acadêmicas de Pedagogia durante a realização de Ateliê e (3) ocupa-se em rastrear as conexões, as redes, as linhas que surgirem durante os encontros para entender quais produções de verdades são ativadas em suas movimentações e quais novas conexões são estabelecidas, compreendendo que a verdade não é estado das coisas, mas produção circunstancial e momentânea. Assim, o

<sup>6</sup> Aprovada pelo Comitê de Ética CAAE: 88283325.3.0000.5341.

<sup>7</sup> Denominação dada às professoras estudantes que participam do Parfor, conforme Portaria nº 220, de 21 de dezembro de 2021 (Brasil, 2021).





que salta das experiências de leituras-*punctum* é matéria a ser cartografada. Como cartógrafa, estou multi/implicada com o processo. Ao mergulhar na experiência pelo Ateliê de leituras-*punctum* apropriado, espereito, devoro, espero, entrego, sustento a vida, sendo superfície para que as produções desejantes aconteçam. Pois, a cartografia, que também é uma pesquisa-intervenção, é espaço próprio para a experimentação (Costa, 2020). Enquanto cartógrafa, trago os bens da cartografia, as coisas insignificantes e imprevisíveis, as

desimportâncias que circulam no Ateliê de leituras-*punctum*. Interesse-me pelos rastros, pelo que se passa nos intervalos.

Caminho situando o Parfor/UCS, programa o qual as participantes da pesquisa estão vinculadas. O Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (Parfor) é regulamentado pelo decreto 8.752, de 9 de maio de 2016 e pertence à Política Nacional de Formação Profissionais do Magistério da Educação Básica, instituída no Brasil pelo decreto 6.755, de 29 de janeiro de 2009. Em 2023, iniciou o curso de primeira licenciatura em Pedagogia/Parfor/UCS, presencial em Caxias do Sul, com duração de 8 semestres. Atualmente, as professoras cursistas estão no 5º período do curso e participam da *PesquisAteliê*.

Por a *PesquisAteliê* assumir-se como professora-pesquisadora que afirma a vida e reconhecer o aprendizado como parte do combate e do movimento de resistência, pois “é um tipo de força que se produz na rede dos poderes do devir-presente” (Matos; Schuller; Corazza, 2015, p. 227); a pesquisa e o método cartográfico que atravessam o Ateliê entendem que no Parfor as participantes podem ter como devir-presente a experiência. As professoras cursistas<sup>8</sup> formam um grupo de três mulheres que trabalham em escolas vinculadas à Secretaria Municipal de Educação de Caxias do Sul, instituição em que atuo profissionalmente. Durante a realização do Ateliê de leituras-*punctum*, as acadêmicas cursam o 5º período do curso. Como a proposição de dissertação expande-se para o espaço do Programa de Formação de Professoras da Educação Básica (Parfor), marco que meu interesse está em operacionalizar a micropolítica deste espaço, para afirmar a vida em meio às leituras (Corazza, 2011; Matos; Schuler; Corazza, 2015, 2021).

<sup>8</sup> A filosofia da diferença se debruça sobre o que é diferente de fato, o singular; expulsando o uno, o um, a unidade da imagem do pensamento. Neste exercício, a multiplicidade se revela nas diferentes variantes do singular. (Ferreira, 2020).





## REFERENCIAL TEÓRICO

X Encontro Nacional das Licenciaturas  
IX Seminário Nacional do PIBID

Ateliê é um lugar que afirma vida e funciona como espaço-tempo de pesquisa, de experimentação; um espaço de produção inventiva (Matos, Schuler; Corazza, 2015), que permite diferentes composições didáticas por meio da experiência. Suas montagens convocam à ação. A experiência acontece num plano de composição que leva ao conhecimento, que é “feito paulatinamente, pedaço por pedaço, sem que esses pedaços convirjam para uma unidade final; ele cria suas linhas, juntando seus diferentes pedaços de experiências entre si.” (Lapoujade, 2017, p. 78) Nesse diálogo entre os variados tipos de experiências, coloca-se em deslocamento forças, em diferentes intensidades, abrindo brecha para que crie um modo singular de pensar e de ser frente ao mundo.

O modo de operar do Ateliê busca sustentar o discurso sem impor, seu foco está na experimentação, no processo, na problematização, na busca por formas de violentar o pensar, numa provocação de errância intelectual. É espaço para (com)posições inimagináveis, arrasta o rompimento com estereótipos e preconceitos, reconhece a força de cada participante da pesquisa como portador do inédito, que está relacionado ao conhecido, à incerteza do escondido, ao que vaza, esgarçando as possibilidades de se fazer vida. Os movimentos do Ateliê de leituras-*punctum* assumem-se como um movimento de micropolítica sobre o ato de ler, numa perspectiva barthesiana, de que a leitura se torna escritura e que a escritura se torna leitura, pois compreende que “um grande texto pode dar nascimento a outro grande texto, através de uma leitura criativa” (Perrone-Moisés, 2012, p. 29). Seu movimento e sua arquitetura didática picoteiam o discurso de poder, neutralizando-o; ao adotar um discurso marginal que combate o fascismo da língua (Barthes, 1978), afastando-os do discurso que “engendra ao erro, e por conseguinte, a culpabilidade daquele que o recebe” (Barthes, p. 1977, p. 11).

Para esgarçar o conceito de experiência próximo do trabalho de David Lapoujade(1960)<sup>9</sup>, especificamente a obra *William James, a construção da experiência*, em

<sup>9</sup> Traçar linhas de fuga é fazer passar entre ordem engessada do Estado, criando rupturas que racham a lógica instaurada. Se o Estado tem uma linguagem, criemos outra fora dele, se o Estado tem uma lógica, inventemos outra que transvaze por entre suas formalizações... “ se o Estado possui um espaço codificado, criemos espaços lisos que ocorrem fora-dentro dos mecanismos de captura [...]” (Ferreira, 2020, p. 50).





que o estudioso apresenta o pragmatismo de William James (1842-1910)<sup>10</sup>. Na perspectiva do empirismo radical de James, a vida só existe se for experienciada. O mundo e as coisas estão em constante se fazer, num plano de construção puro. A realidade é fluxo de vida imediata e condição imanente para a experiência, que a agarra no momento em que se produz (Lapoujade, 2017). Seu princípio considera como fato tudo aquilo que pode ser experienciado; e cada factual experienciado encontra um lugar no sistema de fluxo da vida imediata. Portanto, a experiência está no que acontece e é apreendida pelo acontecimento.

O instante da experiência assume tempo e ritmo únicos, criando um bloco próprio e relativo de duração, nomeado por William James como presente especioso (Lapoujade, 2017). Portanto, o tempo da experiência, que não pertence à consciência, fissa o tempo cronológico do sujeito moderno e proporciona a abertura de novas relações temporais de intensidades operadas pelo presente especioso (Matos, 2014). As experiências se cruzam, se interpenetram compondo uma grande teia de relações, integrado a uma série de outras experiências. É no intervalo da experiência, em que é possível pensar sobre o acontecimento, que ocorre o processo de apropriação do que foi experienciado. O pensamento integra o que aconteceu ao pensamento que virá, num movimento de apropriação retrospectivo do pensamento. Neste momento, a experiência, que já é um dado e pode já ser um signo (mas, nem por isso consegue significar), pode se transformar em matéria de interpretação. Do ponto de vista do processo semiótico, o processo de significação da experiência exige necessariamente três termos/signos, lembrando que:

Um signo não significa porque ele se relaciona com o objeto. Ele significa através de um signo que o liga ao objeto naquilo que este tem de significado, e esse último se torna ele mesmo signo. Dizer então que um acontecimento-pensamento significa ao mesmo tempo meu pensamento (um) só é possível se o interpretante (dois) - a emoção ou o sentimento de pertencimento - apreende esse aspecto do acontecimento (três) para fazer significar essa interpretação. (Lapoujade, 2017, p.37)

A experiência tem por características essenciais o pluralismo das relações e a continuidade. O que torna a interpretação da experiência realidade é a crença; entendida

<sup>10</sup> Na perspectiva barthesiana de que o “[...] leitor, concebido como artista amador e, de certa forma, coautor da obra. Surge então, com mais força, o tema do prazer, na medida em que considera a leitura como uma atividade ‘perversa’, análoga à escritura, ‘prática corporal de gozo’” (Perrone-Moisés, 2012, p. 147)





como “reação emocional provocada pelo acontecimento que nos faz crer” (Lapoujade, 2017, p. 38), pois tudo aquilo que provoca uma emoção e por sua vez uma interpretação, é chamado de real. Desta maneira, o sentido de realidade está ligado a tudo que acredita-se ser real ou é significado (interpretado) como real. Ao interpretar/significar uma experiência, está se admitindo algo como real, está se criando um mundo por meio dos signos que se acredita.

Ao criar mundos, o ‘sujeito’ se faz, se constitui nas interpretações das experiências vividas. Na perspectiva da *PesquisAteliê* as experimentações em Ateliê aumentam a potência do agir, pois provocam a movimentação e a criação de novos signos e ideias. Funcionam como espaço-tempo de relações, de desvios, de (com)possíveis de outros discursos.

O Ateliê faz aliança com a formação de professora-pesquisadora numa perspectiva de diferença que rompe com a tradição de uma formação ligada somente à transmissão de conhecimento, alargando as experiências do ato de ler; convocando à ação, a transitar por diferentes linguagens; abrindo possibilidades para outros modos de ser e fazer docência, por meio da experiência leitora. Ainda abre espaço para problematizar os acontecimentos da vida, para que eles possam emergir de diferentes maneiras. Este espaço de experimentação no território do pensamento da multiplicidade<sup>11</sup> dispara as forças do experimentar e do inventar; violenta as forças acomodadas do já sabido, do já pensado e do já desejado e busca operar com algumas forças das linhas de fuga<sup>12</sup> durante o ato de leitura e de experimentação com as leituras-*punctuns*. Suas montagens arrastam consigo a potência da experiência leitora<sup>13</sup> que mobiliza a composição de pensamentos; abrindo espaços para novos modos de ser e de se colocar na vida, de forma autoral e criativa, crivando o rompimento com as verdades e conceitos dados. Em estado de Ateliê, também valor da *Casateliê*, as

<sup>11</sup> Aqui é feita aliança com o pensamento de Barthes de “lutar contra o poder que é próprio da linguagem. Trata-se de sempre neutralizar os poderes que se alojam nos discursos, em especial no discurso magistral” (Perrone-Moisés, 2012, p. 166).

<sup>12</sup> A obra de Barthes distingue sentido e significação. Entendendo por sentido, o conteúdo, ou seja, o significado de um significante, “... e por significação o processo sistemático que une um sentido a uma forma, um significante. A literatura nunca é sentido, a literatura é processo de produção de sentidos, isto é, significação” (Perrone-Moisés, 2012, p. 24-25).

<sup>13</sup> Numa visão barthesiana, a literatura faz escapes, revira e desvia a língua, em seu movimento constante de liberdade. Por obrigar a dizer segundo formas pré-determinadas e por impedir de dizer de outras formas, Barthes afirma que a língua é “fascista”. “[...] é que as línguas sendo históricas, com o passar do tempo impregnam-se de ideologia, de modo que cada falante de uma língua, ao receber suas regras, recebe também determinada visão de mundo, determinada moral” (Perrone-Moisés, 2012, p. 204).





ações ganham potências, as miudezas dos acontecimentos assumem outras ressonâncias e frequências, formas e usos outros. Diferentes elementos entram em relação, em (de)composição, rompendo modelos hegemônicos de matérias, ações e pensamentos representativos, proporcionando atravessamentos de energia, que levam ao vazamento das estruturas.

O grande disparador das experiências e matéria de experimentação é o que se passa nos encontros com a vida, no agora, no entre, na experiência com o texto, na própria literatura. Compondo, vibrando e transformando com o mundo, negando a morte, provocando variações externas e internas, criando o caos e sendo abaladas por ele. As vibrações das experimentações do Ateliê de leituras-*punctum* tensionam e causam rachaduras nos modelos que didatizam e pedagogizam a leitura; higienizando-a e usando-a para impor valores morais e ideais a serem alcançados. Muitas vezes, não favorecendo uma

aproximação literária com os textos, apresentando-os de forma diretiva, fragmentada, fora de contexto, com partes alteradas; resumindo a experiência leitora às intencionalidades do processo de escolarização (acadêmica) de dominação<sup>14</sup>. E, potencializam a força do encontro com a literatura<sup>15</sup>, com o texto, com a escrita e com a vida.

A pesquisa é operacionalizada pela realização de três Ateliês de leituras-*punctum* do livro literário: *Meus desacontecimentos - a história da minha vida com as palavras*, Brum (2017) que contam com a participação de três professoras cursistas de Pedagogia do Parfor/UCS/Caxias do Sul-RS e uma pesquisadora. A escrita da autora Brum (2017) funciona como contorno, como possibilidade de experimentação de novos ensejos da língua<sup>16</sup>, pois trapaceia a língua na própria língua e usa-a para transmitir intensidades, dando enfoque à grandiosidade das desimportâncias e dos desacontecimentos na constituição de uma vida. Nesse movimento, o texto escolhido é subversivo por possibilitar o deslocamento das leitoras dos agenciamentos coletivos.

<sup>14</sup> “As multiplicidades se definem pelo fora: pela linha abstrata, linha de fuga ou de desterritorialização segundo a qual elas mudam de natureza ao se conectarem às outras” (Deleuze; Guattari, 1995, p.16).

<sup>15</sup> Fazer linha de fuga implica escape pela singularidade, diferente de um simples fugir. Traçar linha de fuga é um ato revolucionário por natureza, é próprio da criação. Quando o modelo tradicional de pensamento é rompido pela máquina de guerra, os postulados da imagem dogmática do pensar são substituídos. E, assume uma nova imagem do pensamento, dando a perceber todo caráter político do pensamento. “O nômade vem para conquistar seu espaço, constituindo seu território [...] abre caminhos, traçando o espaço de forma rizomática” (Ferreira, 2020, p. 62).

<sup>16</sup> Professor de estética na Université Sorbone e importante filósofo francês da atualidade. Foi aluno e organizou algumas coletâneas de textos do filósofo Gilles Deleuze (1925-1995), um dos mais relevantes pensadores da filosofia da diferença.







Na *PesquisAteliê*, aproprio dos conceitos de *studium* e *punctum* cunhados por Barthes (1984) em sua última obra *A Câmara Clara - notas sobre a fotografia* (Barthes, 1984) e aproximo-os da leitura literária. Assim, crio o fluxo das leituras-*punctum* e monto uma leitura ética, de afeto, de resistência, de esquivo às estruturas, por chapar na experiência de ler no minúsculo a liberação de vida por meio da leitura. Ao travar um micro combate declarado contra os mecanismos de controles instalados nos discursos e nas leituras que circulam tanto nos cursos de formação de professoras, como nas escolas, que didatizam a leitura, usando-a para servir à função do ensino, numa pedagogização da língua (Matos, 2009); trilho caminhos com a leitura-*punctum* para fazer desvios da margem que aliena, vigia, disciplina e diminui a potência de agir dos corpos. Pois ela arrasta à experimentação de outros modos possíveis de

leituras, por ler o que não está declarado no texto, movimenta e multiplica significantes com liberdade, extrapola e suspende a ideologia instalada no texto a ser consumido, desperta a desconfiança e evoca a singularidade de quem lê.

A leitura-*punctum*, por ser aleatória, não fixa, evita que o sentido pegue. É vibrante e teimosa, evoca a multiplicidade de jogos de construção de sentidos, desfazendo o unário da linguagem. Forma e se deforma com fluidez, faz movimentos de deriva e de espera, e por deslocar vai aonde ninguém espera, assim evita que seja possuída ou manipulada pelas forças do poder da própria linguagem, jogando com os signos e colocando-os na “maquinaria de linguagem” (Barthes, 1978), ao invés de destruí-los.

Desloca e se reconfigura na velocidade da experiência, nunca é igual, foge do lugar comum da reprodução, assim, não é dominável. Ainda, combate estereótipos, “tarefa essencial, porque neles, sob o manto da naturalidade, a ideologia é veiculada [...] com relação a suas verdadeiras condições de fala (de vida) é perpetuada.” (Barthes, 1978, p. 58). Durante o ato de leitura-*punctum* quem lê entra em deriva e alcança o estado de fruição na “galáxia de sentidos” (Perrone, 2012) do texto. De modo singular, cria sua própria linguagem e mostra particularidades do seu jeito de “olhar” o texto, de ser afetado por ele e de afetá-lo, criando uma mistura de afetos, afectações e de fluxo de vida.

O que me (im)porta nas leituras-*punctum* está nas brechas, nos escapes do *studium*. No que vaza da forma. A singularidade da leitura. O detalhe. O que e como afecta, causa sensações e perceptos aumentando a potência de agir; o que possibilita o corpo sentir a si





mesmo com alegria. A fruição, pois as experiências de leitura-*punctum* não se encontram no discurso e sim na fenda, no vazio do texto. Mapeio as delicadezas, os suspiros, o incapturável pelas instituições, os (com)possíveis das leituras-*punctum* produzidas pelas leituras realizadas em cada encontro do Ateliê, numa tentativa de “retirar o mais singular daquilo se que passa” (De Conto; Matos, 2024, p. 565) na leitura.

Aproprio do *punctum* para fazer desvios, para criar atrito entre as linguagens, para abalar o discurso, para desestabilizar o poder instaurado no interior da linguagem. Evoco a singularidade, a experiência, o desejo, a fabulação; provoco (com)possíveis...

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Cada professora cursista é reconhecida como desejante e encontra espaço para manifestar a sua individualidade na forma como entra em contato e é afetada ou não pelo texto, como pensa e se expressa, na extração, na escolha e nas relações que cria com os materiais durante a criação de suas leituras-*punctum*.

Os saberes e os desejos circulam sem hierarquia ou julgamento, a força está no coletivo com os respiros da individualidade. O discurso é descentralizado e contrabandeado. Em Ateliê tudo é texto [corpo, movimento, desenho, colagem, escrita] que cria outros textos. Assim, o poder está no texto. A extração e a criação de leitura-*punctum* é uma tentativa de subversão a muitos discursos dominantes. Por atravessamento das forças do coletivo, faz furar e vazar outros (com)possíveis de processos de formação de professoras para além dos processos diretivos, que reduz a potência de ação, experimentação e criação.

No decorrer do Ateliê de leituras-*punctum*, vazios, palavras e desenhos são experimentados e passam a compor novos textos que assumem ritmos, movimentos, signos e significados únicos; juntos ou separados, esgueiam o pronto, o dado, o dito e provocam a manifestação de variadas maneiras de estar em experimentação, tanto de forma individual quanto coletiva; já que as marcas-criações sozinhas assumem sentidos vacilantes e juntas compõem e provocam outras relações com entradas e saídas variadas... “Escrever, fazer rizoma, aumentar o seu território por desterritorialização, estender a linha de fuga, até o ponto em que ela cubra todo o plano de consciência em máquina abstrata” (Deleuze; Guattari, 1995, p. 20).





Os (com)possíveis dos Ateliês são criados pelos devires, pelos encontros que provocam algo novo entre todos, no tempo do presente especioso (Lapoujade, 2017), “com geografia, intensidade e direção próprias”. Seus deslocamentos passam “pela experiência e pelo acontecimento[...]” como “[...]intensidade, um situar-se intensivo no mundo, um sair do “seu” lugar e situar em outros lugares, desconhecidos, inusitados, inesperados” (Kohan, 2007, 94-95), rasgando as matérias e criando matizes outras ainda não pensadas.

No decorrer da leitura, em grupo e em voz alta, do livro *Meus desacontecimentos – a história da minha vida com as palavras*, da Eliane Brum (2017) as professoras cursistas manifestam singularidades por meio de suas experimentações gráficas e com o vazio, materializam e subvertem as linhas de força e de dominação do discurso, compõem mapas,

derivam, questionam e desassossegam o funcionamento posto tanto do texto lido quanto dos discursos orais que circulam nos ambientes de formação de professoras, liberando a potência da singularidade, permitindo a vida passar nos escapes da padronização e da didatização da leitura, potencializando o que pode um encontro durante o Ateliê de leituras-*punctum* no Parfor/UCS/Pedagogia.

Os movimentos das professoras cursistas me sujam de uma sujeira multiplicante<sup>17</sup>, pela beleza da singularidade, da multiplicidade, das possibilidades dos desvios que fogem das representações, dos valores universais, que resistem ao uno. Essa sujeira coloca em relação um conjunto de saberes vacilantes, que se misturam com os territórios moventes das linhas de leituras pela criação delas. Deste modo, a cartografia na pesquisa Ateliê evidencia o que se passa nos intervalos, nos entres, nos movimentos, nos detalhes do Ateliê de leituras-*punctum*, suportando o mundo em sua imprevisibilidade e variação. Além de mapear a experiência, os (com)possíveis e o próprio percurso de investigação, no decorrer do Ateliê de leituras-*punctum*, com as três acadêmicas do curso de Pedagogia do Programa de Formação de Professoras da Educação Básica (Parfor)/UCS/Caxias do Sul-RS.

## REFERÊNCIAS

BARTHES, R. **A câmara clara**: nota sobre a fotografia. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

<sup>17</sup> Foi professor, psicólogo, filósofo americano, fundador do pragmatismo e criador do empirismo radical, voltado para o pensamento prático.





BARTHES, R. **Aula**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1978.

BRASIL. **Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica - Parfor**. Brasília, DF: Capes, 2010.

BRASIL. **Portaria nº 220, de 21 de dezembro de 2021**. Dispõe sobre o Regulamento do Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica - Parfor. [Brasília, DF]: CAPES, 2021. Disponível em: <https://cad.capes.gov.br/ato-administrativo-detalhar?idAtoAdmElastic=7666>. Acesso em: 8 out. 2025.

BRUM, Eliane. **Meus desacontencimentos**: a história da minha vida com palavras. Porto Alegre: Arquipélago Editorial. 2017.

CORAZZA, Sandra Mara. Pesquisa-ensino: o "hífen" da ligação necessária na formação docente. **Araucárias**: Rev. do Mestrado em Educação da FACIPAL, Palmas, PR, v. 1, n.1, p. 7-16, 2002.

CORAZZA, Sandra Mara. A formação do professor-pesquisador e a criação pedagógica. **Revista da FUNDARTE**, Montenegro, RS, v. 11, n. 21, p. 13-16, 2011.

COSTA, Luciano B. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. **Revista Digital do LAV – Santa Maria**, v. 7, n. 2, maio/ago. 2014. p. 66-77. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/index.php/revislav/article/view/15111>. Acesso 8 out. 2025.

COSTA, Luciano B. Roland Barthes e a fotografia como elemento da aula: imagem, intoxicação, viver-junto. In.: **Dobra. Pensar com Artes**. Lisboa, Portugal. Vol. 2 (2018), p.18 Acesso 8 out. 2025.

DE CONTO, Marli; MATOS, Sônia Regina da Luz. Cenas de alfabetização: Veranópolis-RS. In: **Partilhando pesquisas em tempos de recomeço**. (Org.). Eliana Maria do Sacramento Soares, Flávia Brocchetto Ramos. Coleção Educatio, v. 15, p. 563-583. Caxias do Sul, RS: Educs, 2024. Disponível em: <https://www.uces.br/educs/arquivo/ebook/partilhando-pesquisas-em-tempos-de-recomeco-5504/> Acesso em 8 out. 2025.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. v. 1.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**: o jogo como elemento da cultura. Tradução João Paulo Monteiro. São Paulo: Perspectiva, 2010.

KOHAN, W.O. Infância, Estrangeiridade, Ignorância – ensaios de filosofia e educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LAPOUJADE, David. **William James, a construção da experiência**. São Paulo: n-1, 2017.





MATOS, Sônia Regina da Luz. Trabalho de Conclusão de Curso [TCC]. Canoas: IFRS, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ifrs.edu.br/handle/123456789/1955?show=full>. Acesso em: 8 out. 2025.

MATOS, Sônia Regina da Luz; SCHULER, Betina; CORAZZA, Sandra Mara. Docência e a aula como ensaio. **Educação UFSM**, v. 46, n. 1, p. 1-22, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/1984644439574>. Acesso em: 8 out. 2025.

MATOS, Sônia Regina da Luz; SCHULER, Betina; CORAZZA, Sandra Mara. Formação do professor-pesquisador: aprendizado que afirma a vida. **Revista da FAEEBA: educação e contemporaneidade**, Salvador, v. 24, n. 43, p.225-236, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.2015/jan.jun.v24n43.018>. 8 out. 2025..

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Com Roland Barthes**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

